

Galpão estético: memórias, instalações e umbus

Ney Wendell¹

*“A história é que nem fio, a gente tece e o fio cresce, a gente inventa e tudo que a gente tenta se transforma em coisa nova”
(Aluno do Curso)*

As portas de um grande galpão em Irecê se abrem para a emoção viva. Na porta o encontro do passado e presente se refaz nos abraços entre alunos e professores, num símbolo afetivo do aprender. Gritos, risos, lágrimas e correria criam o momento de chegada da equipe de professores vinda de Salvador e Feira de Santana², para mergulhar num mundo estético de alunos que se formam em Pedagogia. Ali se via o calor vindo da atmosfera e do coração que se reencontravam num brinde ao final. Olhar de lágrima e sorriso de agradecimento. Batida de coração e palavras num ritmo da felicidade. Um final banhado de glórias, percalços e insistências numa história mantida pela fome de saber.

Dentro do galpão a vida tinha explodido em obras artísticas. Ali presenciávamos uma parte concreta do que nosso imaginário tinha criado para definir a palavra: instalação.

Nos primeiros passos, algo no chão se destacava imponente. Um piso forrado por vários quadrados de areias coloridas e cercado por pequenas pedras brancas e com marcas de pés ao redor. Um grande grupo de alunos e professores eufóricos ao redor e ninguém pisava a areia. Naquele momento a obra se protegia na sua imponência. Representava ali a força de algo criado, suado e pensado por pessoas que fizeram dos materiais histórias vivas. A obra era um ser e dizia para todos: eu estou aqui! Impressionante que ninguém pisava, pois os pés dançavam sobre as areias e respeitava a sua beleza de cores.

Num olhar graúdo e circulante víamos ao redor um mundo explodido em pedaços de vida, cores, terra, cheiros, fotos e gente. Uma dúvida era criada sobre se estávamos num galpão, pois não dava para ver a forma, o lado, a frente, pois tudo se recombinava num labirinto de imagens e os caminhos não eram explicados e ditos. Em nossa frente 05 instalações artísticas transcritas a partir de mais de 100 memoriais dos alunos. Nossos passos iam pela não lógica da emoção, no que o pé pedia ou no que o olhar queria. Apenas as obras jogadas em nossa frente e a pergunta gritante e curiosa: o que é isso? O que quer dizer tudo isso? Isso é a melhor palavra para definir tudo isso?

¹ Professor convidado que atuou como consultor artístico na concepção das instalações.

Era ali num galpão um evento oficial ao pensar no ofício de aprender renovando saberes. Uma finalização estética de um curso de pedagogia coordenado por uma vertente de labuta e ousadia da Faculdade de Educação da UFBA junto com a prefeitura do Irecê, ao recriar a formação num percurso renovado do saber. Um curso mantido pela poeira de barro da cidade de Irecê que bem representa os fragmentos de caminhos, atividades, módulos, métodos etc. Poeiras de conteúdos que iam e viam ao vento soprado por uma coletividade. Um curso onde a poeira não ficava parada. Grãos leves de areias como os saberes de cada um que se misturavam em qualquer movimento.

Ali, no galpão, as poeiras se solidificaram em obras artísticas que respondiam a história de vida dos alunos, que puderam encarnar seu memorial em cada obra. Escreverem o memorial final com todo seu inventário emotivo, criativo, racional e vivo do curso, cruzando sua vida com a formação em pedagogia. Assim, na instalação se conectava agora a vida e a obra de um artista-aluno-professor falando de si através do campo estético.

Depois da parada para vislumbrar um todo surpreendente e clamando para ser descoberto, cada professor escolhia os passos que queria seguir perante aquele mundo explodido feito em instalações. Ao darmos os primeiros passos obrigatoriamente éramos jogados para o saborear. Encontrava-se em nossa frente uma cesta cheia de umbus. O galpão passou a ter gosto de umbu. A apreciação era agora antes de ser vista, bem saboreada pela fruta gostosa da estação.

Ao pensar que saber é saborear nos deleitamos no gosto e adentramos no mundo estético. O arte-educador Duarte Jr.³ nos fala que estamos perdendo o saber sensível que é este saborear o conhecimento. Ele nos previne que estamos numa crise dos sentidos e que a arte, a estética vem nos trazer este caminho do saber sensível para que possamos aprender saboreando. Assim iniciava nossa empreitada estética com gosto de umbu na boca.

Os professores seguiram pelos caminhos de labirintos de esteiras, hexágonos, caatingas, tijolos e buracos. Uma escolha própria de ficar na tontura das palavras cortadas, combinadas e mescladas. Cada professor doava-se com afeto ao aluno numa escuta sensível e atenta. O aluno guiava explicando seu lugar na obra exposta e percebia que seu lugar era na obra inteira. O sujeito via-se coletivo na mistura plural das individualidades. Ao falar do

² Grupo de professores oriundos da UFBA, UNEB, UEFS entre outras universidades, convidados para examinarem os trabalhos finais dos alunos formandos.

³ **DUARTE JR.** João Francisco. *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. Curitiba –PR: Criar Edições, 2001.

outro ou do todo o aluno falava de si o tempo todo. Os números no chão respondiam qual instalação entrávamos.

Na 01, a estrada nos empurrava da infância a fase adulta, fazendo nosso olhar vasculhar brinquedos entre os pneus até fotos no vinil. O mergulho pelo cheiro e o gosto da caatinga nos faziam viver a tradução estética do cotidiano. Como nos fala um dos alunos ao retirar a seguinte frase do seu memorial: *“As borboletas e as tanajuras saiam dos seus esconderijos e faziam aquela festa multicolorida e nós flutuávamos juntos”*

Em piso, pedras, pneus e panos as palavras diziam em síntese o curso e o percurso da vida na pedagogia da simplicidade. Ali víamos as casas de enchu, cupim, casa-lar e casa-escola. Do início ao fim os relógios nos perguntavam sobre nosso tempo de aprender e viver. Isto foi citado por outro aluno na exposição: *“O fator tempo foi um dos maiores desafios que enfrentamos em nossa trajetória”*. Saindo vimos por cima o fio de candeeiros e lâmpadas que nos davam a luz para prosseguir aprendendo.

Ao lado, os buracos numa caixa preta nos chamam pela curiosidade. Era a instalação 02 que nos fazia movimentar pelos verbos: arrodar, subir, andar, descer, olhar, bisbilhotar e reconhecer. O exercício era praticado no olhar de longe, olhar de perto, ver embaçado, ver de cima ou não ver. Para cada *bizoiada* que dávamos nos buracos da caixa preta, juntávamos os textos lidos das memórias individuais. Palavras e fotos criavam o filme vivo daquele quadrado perfurado por olhos. E bem finaliza um aluno: *“as surpresas superam as expectativas”*.

Dali, seguimos para o mundo das esteiras não para descansar e sim para se perder nas palavras da instalação 03. Textos escritos em pés de sisal, pedaços de papel pendurados, textos invertidos, desenhados por pedras na areia, grudados em gessos ou escutados. Um labirinto guiado por calçados que permitiam não se perder. Com os pés descalços podíamos sentir as texturas de areias, pedras, pó de serra e o próprio piso empoeirado. Em alguns momentos as lágrimas podiam aparecer com o reviver de nossas próprias memórias. Lembrando de nossa infância, família, abraço de filho e o carinho dos primeiros professores. Um aluno traduziu este sentimento ao escrever: *“o tempo em que meu pai fabricava o banquinho. Lembro como se fosse hoje”*. Em determinados pontos encontramos os nomes de grandes teóricos colados nos candeeiros como símbolos de guias dos saberes. Entre desafios de fios presos nos corredores e entulhos de livros nos defrontamos com um quadrado grande no meio, mostrando ambientes cotidianos. Um quadrado que tinha furos

para que pudessem entender o que tinha dentro. Numa destas visões ficou uma foto emocionante de um grupo unido, sinônimo da exposição construída pelo prazer de fazer junto. Itinerário da rusticidade a beleza da modernidade na amplitude dos olhares.

Ao chegarmos na instalação 04 a tontura ganhava seu ápice, pois no centro de um hexágono havia 06 portas que nos colocava na incerteza e na possibilidade de descobrir. Do chão ao teto a obra se fazia e explicava suas intenções. A escolha de entrar e sair, ir e vir era nossa. Podemos dizer que tinham ali 07 portas sendo o centro formado por todas as portas. Os lugares se conectavam a um ponto central que se abria para outros lugares. Na atitude de abrir os espaços, entrávamos no funil das memórias. As imagens, fotos, textos, filmes e os elementos de fios, computador, brinquedos, tv e lâmpada entre milhares de composições que nos estimulavam a fazer as colagens em nossas próprias cabeças. Cada um colava suas memórias perdendo-se da lógica e entrando na multiplicação, implosão e circulação de aprendizados gerados pelo curso. Um trecho destacado por um aluno do curso mostra isto:

“Reafirmo que este olhar para trás com o enxergar de hoje leva-me a ver com o olhar investigador, que ao teorizar a minha vida pessoal e profissional não significa elaborar somente as sínteses das idéias que dela nascem, mas, sobretudo, fazem uma síntese de emoções e sentimentos a construir o conhecimento da minha história” (Aluno do curso)

Partindo para última ou primeira instalação, dependendo de onde começou, chegamos a número 05. Ali o mosaico de idéias ganhava seu excesso de criatividade. Uma aglomeração de elementos que faziam do lugar múltiplas instalações. Dos desenhos no tijolo, os textos no fundo de baldes cheios d'água, descobertas dos textos ao varrer o pó de serra até os amontoados de objetos das individualidades alheias (e nossas naquele instante). Num olhar panorâmico toda a composição se ligava a uma rede, que ultrapassando as tecnologias ultrapassadas voltava-se ao grande reflexo da sala de aula, representada por espelhos com fotos em transparências coladas no quadro negro. Nossas vidas pessoais e profissionais ali se refletiam no símbolo do mundo-sala e mundo-escola. O quadro negro como espelho das pessoas. Por fim podíamos colocar no forno nossos próprios textos e deixar ferver e ver a mutação da escrita em memória viva.

Depois deste gigante passeio pelos mundos alheios nos vimos além do imaginado. A surpresa, o encantamento e a satisfação respondiam a rica pesquisa estética e legitimava a qualidade do desafio escolhido pela Ufba para finalizar o curso.

Logo após as visitas às exposições, uma imagem nova povoava o ambiente. Os professores com seus alunos espalhados em pequenos grupos sentados e dialogando sobre os trabalhos

do memorial e das instalações. Emocionante ver a dedicação e compromisso configurado em grupos que criavam novas composições visuais para as instalações.

As portas de ferro fechavam-se e ali os corações permaneciam guardando as criações estéticas. Saímos alimentando nossa própria memória recente com os sabores de uma vivência estética. Os sonhos de coordenadores, supervisores, orientadores, professores e artistas estavam realizados em mais uma etapa de formação dos alunos em pedagogia.

Fica o desejo de que portas de ferro guardem nosso carinho e aconchego no coração de cada viajante deste mundo das vivas memórias.

Firma-se no galpão estético a nossa gente brasileira.